



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

21 e 22 de outubro de 2017

Notícias do Dia Capa e Cidade

“Chefia de gabinete afasta corregedor que investigou reitor”

Chefia de gabinete afasta corregedor que investigou reitor / Portaria 2353 / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Operação Ouvidos Moucos / Chefe de Gabinete / Áureo de Moraes / Corregedor-Geral / Rodolfo Prado / Polícia Federal / PF / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Avocação de Processos Administrativos / Reitor / Obstrução das investigações / Ensino a Distância / EaD / Desvio de verba / Prisão / Suicídio / Shopping Beira-Mar / Bilhete



UFSC

Chefia de gabinete afasta corregedor que investigou reitor

O chefe de gabinete da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Áureo de Moraes, publicou nesta sexta-feira (20) a Portaria 2353 determinando o afastamento temporário por 60 dias do corregedor-geral da Universidade, Rodolfo Prado. A decisão foi movida após denúncia de um docente. A portaria ainda destaca três servidores para compor a comissão de julgamento do caso.

O afastamento não teria relação direta com a investigação que originou a Operação Ouvidos Moucos, que foi iniciada no âmbito da corregedoria da universidade antes de virar inquérito da Polícia Federal. A denúncia do docente foi um dos últimos despachos do reitor Luiz Carlos Cancellier de Olivo no exercício, no dia 13 de setembro, um dia antes de ser preso na Operação da PF junto com outros seis docentes e servidores.

A queda de braços entre a reitoria da UFSC e o corregedor Rodolfo Prado foi evidenciada no inquérito da PF que narra a insatisfação do corregedor com os pedidos de avocação de processos administrativos da UFSC.

A insatisfação teria motivado o corregedor a procurar a PF sob alegação de que o reitor estava obstruindo as investigações sobre desvios de verba do programa de EaD (Ensino a Distância). As denúncias apontam que as ilegalidades vinham sendo cometidas desde 2006, o caso ainda está em fase de investigação. No dia 2 de outubro, depois de passar um dia na prisão e de continuar impedido de acessar o campus da UFSC, Cancellier cometeu suicídio, se atirando do quinto andar do Shopping Beira-Mar. Em um bilhete ele escreveu que sua morte foi decretada no dia em que foi afastado da universidade.

60

dias é o período de afastamento do corregedor determinada na portaria do gabinete da Reitoria

Notícias do Dia Carlos Damião "Ruas mais humanizadas"

Ruas mais humanizadas / Projeto Viva a Cidade / Centro / Região Leste da Praça 15 de Novembro / Revitalização / Parceria / Sapiens Parque / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Distrito Criativo



Ruas mais humanizadas

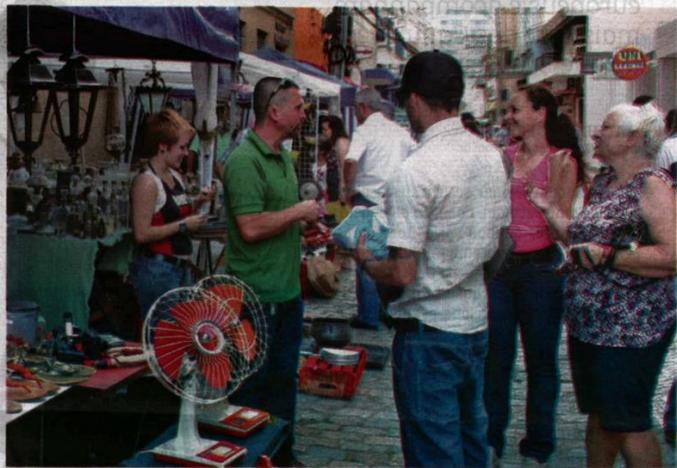
Iniciativas devem dar vida ao lado Leste da Praça 15 de Novembro

Ruas são "corpos vivos" das cidades e envelhecem muito rapidamente quando não recebem os cuidados essenciais por parte dos moradores, comerciantes e poder público.

Florianópolis tem alguns casos gritantes. Um exemplo está na rua João Pinto, que já foi a rua Augusta, primeiro endereço do jornal "O Estado", fundado em 1915, e primeira sede do Clube 12 de Agosto, fundado em 1872. Desde a implantação do Ticen (Terminal Integrado do Centro), em 2004, a decadência da região Leste se tornou visível e desalentadora. A semidesativação do Terminal Cidade de Florianópolis descentralizou o consumo, que migrou para outras áreas da cidade, como as ruas Conselheiro Mafra, Francisco Tolentino, Felipe Schmidt e transversais.

Comerciantes que resistiram na João Pinto tentaram em vão, nos últimos 13 anos, recuperar um pouco do brilho humano da via, mas nenhuma política efetiva de revitalização foi capaz de salvá-la: dezenas de negócios fecharam as portas por falta de consumidores. O projeto Viva a Cidade, criado pela prefeitura em parceria com a CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas), tem sido uma tentativa importante para agitar a área, devolver-lhe o público perdido. Até porque, em geral é o comércio que dá vida às ruas e às cidades – e isso nem é de hoje, vem dos primórdios da civilização.

Paralela à rua João Pinto há também a rua Victor Meirelles, antiga rua da Pedreira ou dos Artigos Bélicos, outro exemplo de degradação urbana, talvez a rua mais rabiscada de Florianópolis por pichações aleatórias. As inscrições e desenhos nas paredes da antiga escola Antonieta de Barros e na lateral do prédio dos Correios são os mais fortes indicativos do abandono – embora a Victor Meirelles tenha um pequeno comércio resistente e seja o endereço da lendária Kibelândia, um dos melhores bares e restaurantes da Capital. ●



Projeto Viva a Cidade, em registro de 2014, é uma tentativa de resgatar movimento na região central

Projeto de um Distrito Criativo

Grupos de arquitetos, professores e artistas têm se empenhado em estudar a recriação dos ambientes urbanos da zona Leste da Praça 15 de Novembro. O projeto Centro Sapiens tem o objetivo de transformar o Centro Histórico num "Distrito Criativo", com a realização de "novas formas de apropriação que, por meio de um conjunto de ações incorporadas, transformem os espaços urbanos através do processo de revitalização urbana atribuindo-lhes conteúdos sociais, econômicos e culturais com

cerne na criação de um ambiente propício ao empreendedorismo, à criatividade e à inovação".

O projeto resulta de uma parceria entre o Sapiens Parque e a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Mas sua implantação não tem prazo definido, vai acontecendo de forma coordenada e com eventos específicos, sempre com a ideia de estimular o movimento humano, promover a circulação de pessoas, sem ser necessariamente focado nas atividades comerciais.

O case da rua Vidal Ramos

Quando o Ceisa Center foi construído, na década de 1970, houve reações de espanto na cidade, como me lembrou o síndico do empreendimento, Alfred Heilmann. "As pessoas consideravam muito 'longe do Centro', muito deslocado", disse-me. Mas a verdade é que o Ceisa Center mudou o perfil comercial da região central nos últimos 40 anos. Junto com ele, a Vidal Ramos (antiga rua da Palhoça ou rua 28 de Setembro) também se transformou e se reinventou. De uma via com aspecto degradado, sombrio, envelhecido, passou a ter outro perfil desde 2012, graças a uma mobilização de lojistas, liderados pela empresária Rose Macedo Coelho, com apoio da prefeitura, da Acif (Associação Comercial e Industrial de Florianópolis) e do Sebrae-SC (Serviço de

Apoio às Micro e Pequenas Empresas).

A Vidal Ramos Open Shopping tornou-se uma atração turística e um case nacional. Na quinta-feira (19/10), por exemplo, empresários e autoridades do Ceará estiveram em Florianópolis para conhecer de perto a revitalização da rua. Que, aliás, vai ganhar inovações estéticas nos próximos meses, sempre focadas na dinâmica do movimento de pessoas, como me revelou Rose na sexta-feira (20/10). "É isso que mantém as ruas vivas, agradáveis e atuais", completou.

Todas as iniciativas são bem-vindas, sejam comerciais, comunitárias ou artísticas. O gráfito em homenagem a Franklin Cascaes, na parede do Edifício Atlas (virado para a Vidal), é uma demonstração do quanto isso é verdadeiro e revolucionário.



Palhoça propagandista, logo após a inauguração da nova Vidal Ramos, em 2012

Notícias do Dia Especial "Futuro depende das cidades"

Futuro depende das cidades / Planeta.Doc / Festival Internacional de Cinema Socioambiental / Cecília Herzog / Inverde / Instituto de Pesquisas em Infraestrutura Verde e Ecologia Urbana / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Conferências / Pessoas / Organizadora / Mônica Linhares

Editor: **RODRIGO LIMA**
rodrigolima@noticiasdodia.com.br

FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 21 E 22 DE OUTUBRO DE 2017

NOTÍCIAS DO DIA **Especial.3**

Futuro depende das cidades

Especialista ambiental defende que mudanças nos centros urbanos também têm que partir das pessoas

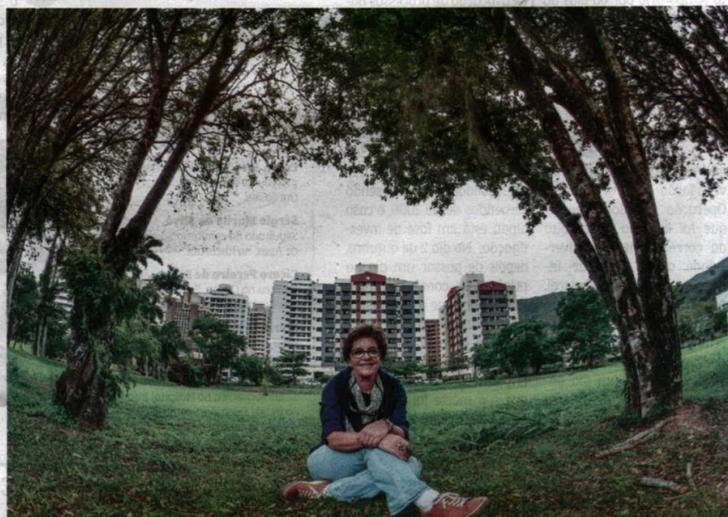
FÁBIO BISPO
fabio@noticiasdodia.com.br

O avanço das marés nas cidades litorâneas não é nenhuma novidade para ecologistas, cientistas e estudiosos. Assim como também não são novos os alertas de que a degradação do meio ambiente e o consumo exagerado dos recursos naturais precedem desequilíbrio jamais vivido na história da humanidade. A realidade é assustadora, e pode condenar futuras gerações a caminhos sem volta. É a situação dos recursos hídricos, cada vez mais escassos, ou da floresta amazônica, onde somente no ano passado foram desmatados aproximadamente 128 campos de futebol por hora, maior área desmatada desde 2008.

A solução para reverter ou minimizar os impactos tanto das evoluções geológicas como dos efeitos causados pelo homem está nas cidades. No Brasil, 85% da população vive em centros urbanos. "O grande X da questão é como as cidades estão se preparando para isso", afirma Cecília Herzog, presidente do Inverde (Instituto de Pesquisas em Infraestrutura Verde e Ecologia Urbana), uma das principais conferencistas do Planeta.Doc — Festival Internacional de Cinema Socioambiental, na próxima segunda-feira (23), no auditório Garapuvu da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), das 11h às 22h30.

Especialista em preservação ambiental das cidades, mestre em urbanismo e professora na PUC-Rio, Cecília traz para Florianópolis, em sua palestra, previsões alarmantes e soluções possíveis já implantadas em diversas partes do globo. "Um grande exemplo é a cidade de Seul [Coreia do Sul], que iniciou um processo de revitalização das quatro bacias que compõem a península já prevendo efeitos climáticos. O resultado é maravilhoso, parques sobre onde um dia foram montes de lixo, rios despoluídos, a cidade foi devolvida para as pessoas levando em consideração o ecossistema", diz.

Para Cecília, a mudança que a humanidade quer ver no uso racional do meio ambiente e recursos naturais precisa nascer das pessoas, para então permear o poder político. "Participo do coletivo Baixo Rio, entre outros, porque acredito que essas mudanças têm que partir também das pessoas. Entre cientista e comunidade acadêmica esse conceito de que é preciso fazer alguma coisa é um consenso já", conta Cecília. ■



Cecília Herzog conheceu o Jardim Botânico de Florianópolis e fez algumas críticas ao novo parque da cidade



Existe muita iniciativa boa, mas o Brasil ainda caminha lentamente nesse sentido. São ações que passam pela vontade política e pelo engajamento da sociedade."

Cecília Herzog

Brasil ainda caminha lentamente

■ Curiosa em conhecer como os principais centros urbanos do mundo pensam as cidades do futuro, Cecília Herzog aponta experiências exitosas em Nova York, Paris e Seul. O ND levou a paisagista para visitar o Jardim Botânico de Florianópolis, inaugurado há um ano. "Os jardins botânicos têm trazido boas experiências, principalmente com as crianças. Mas faltam mais árvores nativas e está um pouco mal cuidado", diz.

Nas palavras da paisagista, cuidar

do meio ambiente é também trazer bem-estar, saúde e prosperidade para as cidades. "Ainda existe uma visão desenvolvimentista muito forte, uma visão rodoviária. As pessoas falam em desastres naturais e não entendem como que as cidades alagam e os rios somem. Existe muita iniciativa boa, mas o Brasil ainda caminha lentamente nesse sentido. São ações que passam pela vontade política e pelo engajamento da sociedade", afirma.

Planeta.Doc tem filmes e palestras

■ Planeta.Doc, o maior evento do gênero do Sul do país e um dos principais do Brasil, começou no dia 16 de outubro. A programação com mais de 100 filmes de diversos países segue até 10 de novembro em Florianópolis e outras cidades catarinenses. "A ideia do evento é de trazer grandes palestras para discutir as questões socio-

ambientais e apresentar os melhores filmes sobre o tema", explica a organizadora Mônica Linhares.

A conferência de segunda-feira abrirá diálogo com base nos estudos mais atuais e inovações que estão sendo gestadas em torno de conceitos como "bens comuns, lixo zero e cidades humanas".

O QUÊ: Planeta.Doc Conferência, com participação de 16 conferencistas
QUANDO: Segunda-feira, 23 de outubro, das 11h às 22h30
ONDE: Auditório Garapuvu, na UFSC
QUANTO: Inscrições gratuitas (e obrigatórias) pelo site www.planetadoc.com

Diário Catarinense
Capa e Notícias
"UFSC afasta corregedor Rodolfo Hickel"

UFSC afasta corregedor Rodolfo Hickel / Processo / Operação Ouvidos Mucos / PF / Polícia Federal / Desvio de dinheiro / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Corregedor-Geral / Rodolfo Hickel Prado / Chefe de Gabinete / Áureo de Moraes / Portaria 2353 / Boletim Oficial / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Ex-Reitor / Prisão / Suicídio / Graduação a Distância / Conselho Universitário



NOTÍCIAS | POLÍTICA

DIÁRIO CATARINENSE,
SÁBADO E DOMINGO, 14
21 E 22 DE OUTUBRO DE 2017

UFSC afasta corregedor Rodolfo Hickel

SERVIDOR É TESTEMUNHA da PF na operação que investiga desvios de dinheiro em programa de graduação a distância

ROELTON MACIEL
roelton.maciell@somosnsc.com.br

Considerado testemunha-chave nas investigações da operação Ouvidos Mucos, que resultou em buscas e prisões temporárias de pessoas ligadas à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o corregedor-geral da instituição, Rodolfo Hickel do Prado, foi afastado das funções na sexta-feira. A decisão foi assinada pelo chefe de gabinete da reitoria, Áureo de Moraes, em portaria publicada no boletim oficial da UFSC. O afastamento do corregedor vale por 60 dias.

A portaria determina a formação de uma comissão de processo administrativo disciplinar para "apurar fatos relatados no processo", em referência ao procedimento recém-aberto na instituição. O grupo também terá 60 dias para iniciar e concluir os trabalhos.

Procurado pela reportagem nesta sexta-feira, o chefe de gabinete não comentou do que se trata o processo aberto contra o corregedor. Ele também não

soube dizer como fica o andamento do processo que, internamente, apura as mesmas irregularidades investigadas pela Polícia Federal e estava aos cuidados do corregedor afastado.

RELATOS DE PRESSÃO E AMEAÇAS INTERNAS

Prado teve participação decisiva nas investigações da Polícia Federal por ter afirmado que o ex-reitor da universidade, Luiz Carlos Cancellier, agiu de forma a interferir na apuração interna que a Corregedoria realizou. O corregedor disse ter recebido diversos tipos de pressão, como ser rebaixado a uma função comissionada menor, além de ter sofrido ameaças de exoneração.

Em um ofício enviado à PF antes de a operação Ouvidos Mucos vir à tona, Prado chegou a pedir o afastamento do reitor, fato que se confirmou na ação da Polícia Federal. Cancellier e outras seis pessoas investigadas chegaram a ficar presas por um dia, em setembro. O reitor cometeu suicídio no último dia 2.

"Todos os subsídios estão lá dentro do processo"

ENTREVISTA

ÁUREO DE MORAES
Chefe de gabinete da reitoria

A portaria se refere a um processo administrativo. A que se refere esse processo?

Eu não posso adiantar essa informação. É um processo que foi aberto e acarretou na determinação. Isso é um procedimento corriqueiro, quando se trata de denúncias que geram um processo administrativo. A comissão que foi constituída vai iniciar os seus trabalhos. Ao final, ela gera um relatório, vai chegar às conclusões.

Não seria normal instaurar uma sindicância antes do processo administrativo?

Não houve sindicância porque o processo administrativo pode ser aberto havendo consistência e materialidade. A sindicância é uma fase prévia. Ela apura alguma coisa, mas se a apuração, a argu-

mentação ou a documentação já justificar a compreensão de que é possível abrir diretamente o processo... A própria corregedoria faz assim, segue o mesmo modo.

Neste caso, o entendimento de abrir o processo partiu da própria chefia de gabinete?

Não quero me manifestar sobre isso porque tudo consta no processo. Todos os subsídios estão lá dentro do documento.

Mas o processo está aos cuidados da chefia de gabinete?

Na verdade, a chefia de gabinete tem competências concorrentes às da própria Corregedoria, também para instruir e assinar comissões e abrir processo. Como obviamente esse processo se refere ao corregedor, não haveria como ele fazer a abertura.

A natureza da irregularidade apurada neste processo, o senhor sabe dizer?

Não posso adiantar.

A corregedoria passa a ser conduzida por um interino?

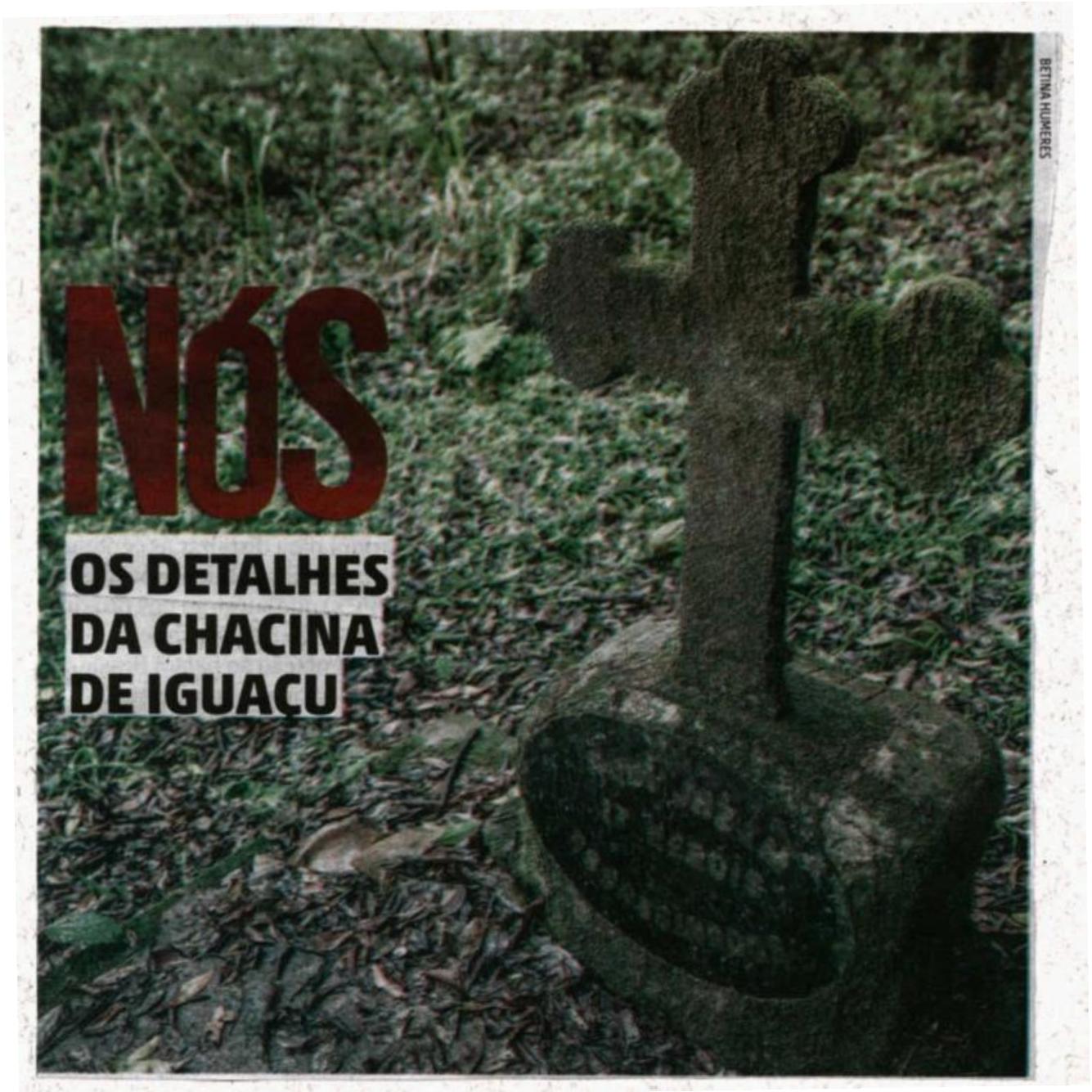
Esta questão ainda precisa ser resolvida. Na constituição da Corregedoria lá atrás, a previsão era de que haveria três corregedores. Mas ao longo do mandato os outros dois que haviam sido indicados pelo Conselho Universitário pediram para sair.

E o processo que a Corregedoria acompanhava, que também levou à operação Ouvidos Mucos, da Polícia Federal, na universidade, como fica agora?

Não posso adiantar nada com relação a isso.

Diário Catarinense
Contracapa e Nós
"A chacina do Iguazu"

A chacina do Iguazu / Chacina dos 17 / Imigrantes / Acordo de limites /
Guerra do Contestado / Pesquisa / Viviani Poyer / Doutoranda / Historiadora
/ Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Canoinhas / Paulo
Pinheiro Machado



NÓS

INJUSTIÇA ATÉ A ÚLTIMA MORADA

NA SEMANA EM QUE A ASSINATURA DO ACORDO
DE LIMITES DA GUERRA DO CONTESTADO COMPLETA
101 ANOS, UMA COMPROVAÇÃO HISTÓRICA
REVELA DETALHES DA CHACINA DO IGUAÇU

A CHACINA DO

**PESQUISA CONFIRMA
A IDENTIDADE DE
17 HOMENS DEGOLADOS
EM SANGRENTO
EPISÓDIO NA GUERRA
DO CONTESTADO**

ÂNGELA BASTOS
angela.bastos@somosnsc.com.br

A embarcação desliza sobre as águas do Iguassu. Assim mesmo, com dois êses. Serão 8,7 quilômetros rio acima. Os passageiros são todos homens e não sabem o que os espera, adiante, num descampado, lado oposto de onde partem. Provável que, depois de uma semana de empreitadas na região, esses trabalhadores com sotaques tão diferentes desejem o reencontro com as famílias. Mas é a morte que os aguarda. Não por afogamento, caso o vapor afunde nas águas turvas de um território contestado. Mas por degola. Deles irá jorrar sangue que encharcará o chão da mata. Seus corpos sequer serão enterados. Ficarão expostos para serem devorados por animais famintos. Assim sentenciam os al-

gozes. Possuídos da mesma frieza de quem antes irá despi-los. Para, no domingo que raia, se exibir na vizinhança com as vestes respingadas de encarnado. Trunfo sobre os 17 sacrificados. Aviso para quem se atrever a opor-se às (des)ordens dos poderosos da região.

Mais de um século depois, o que aconteceu naquele sábado de 21 para 22 de novembro de 1914, em plena Guerra do Contestado, irrompe a injustiça. À luz de documentos, laudos cadastrários, recortes de jornais, relatos do Exército e entrevistas com descendentes de quem esteve dos dois lados – vítimas e carrascos –, a pesquisa feita pela doutoranda Viviani Poyer, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), dá cientificidade ao que até então fazia parte da história oral.

A cruenta Chacina do Iguassu ou Chacina dos 17, como também é conhecida, emerge na se-



IGUAÇU

mana das comemorações do acordo de limites da Guerra do Contestado – 20 de outubro de 1916 – com uma revelação: os mortos não eram fornecedores de armas para os revoltosos. Tampouco envolvidos com a escaramuça, como alegou o temido coronel Fabrício Vieira, integrante da antiga Guarda Nacional, e que comandava contratados pelo Exército Brasileiro para atuarem como homens-guias das tropas militares contra os civis. Eram, em maioria, imigrantes europeus – com nome, origem e profissão – atraídos pelo sonho de uma vida melhor.

– Prova disso foi a forte cobrança dos consulados perante o governo brasileiro acerca dos assassinatos. Ao mesmo tempo, fica evidente que só foi possível identificar os mortos por serem pessoas que possuíam documentação. Realidade bem diferente dos milhares de brasileiros exterminados e jamais identificados, contados, reconhecidos – observa a historiadora Viviani Poyer.

A embarcação desliza sobre as águas do Iguaçu. Atualmente escrito com ç, conforme acordo selado em 1945 entre a Academia de Letras de Lisboa e do Brasil. É num pequeno barco de madeira a motor que a reportagem do Diário Catarinense segue para refazer o percurso das vítimas da Chacina do Iguaçu ou Chacina dos 17, como dizem os moradores da comunidade Felipe Schmidt, a 40 quilômetros do Centro de Canoinhas, onde ocorreu o sangrento episódio.

Hoje, o território não é mais contestado. Pelo acordo de limites, o rio faz a divisa entre os Estados de Santa Catarina e Paraná. Por sinal está plúmbeo. A falta de chuva estreitou o leito. Não só no trecho a ser percorrido, mas desde a nascente, na Grande Curitiba, até a desembocadura, nas Cataratas de Foz do Iguaçu.

Em alguns pontos, avistam-se pedras. A paisagem mantém certo mistério. Nas barrancas, à mostra, troncos esculpidos pelo tempo ganharam aspecto de seres. Dá para fantasiar. Mas é quando a embarcação atraca numa ribanceira, banhada por um canal nascido num braço de água que corre em direção ao Iguaçu, que é possível imaginar a barbárie ocorrida naquele lugar ermo.

Ali se encontra o túmulo com os restos mortais das vítimas da Chacina dos 17. Lugar onde os homens foram abatidos pelas mãos dos vaqueanos do coronel Fabrício Vieira. A um palmo do chão, a catacumba tem um vaso quebrado ao lado e sebo de vela derretido por cima.

Local onde naturalmente o silêncio impõe outros silêncios. Em que a cruz de cimento convencionou o duelo vida e morte. Duelo sem duelistas. Já que não houve confronto, oposi-

ção, resistência. A perversidade estava de um lado só. O lugar é úmido, coberto por musgo grudado nos troncos e galhos. Às vezes, engolido pelas enchentes do Iguaçu. Outras, rachado pelo sol que vazava a copa das águas. Nesta primavera, entapetado com folhas secas que despencam com o vento.

O terreno pertence ao agropecuarista Dorcílio Crestani. Desde a infância ele ouve falar no assunto. Foi o próprio fazendeiro quem cimentou a sepultura. Crestani repetiu a iniciativa do pai e do avô, os primeiros a cercar com madeira a vala comum onde os esqueletos foram primeiramente enterrados.

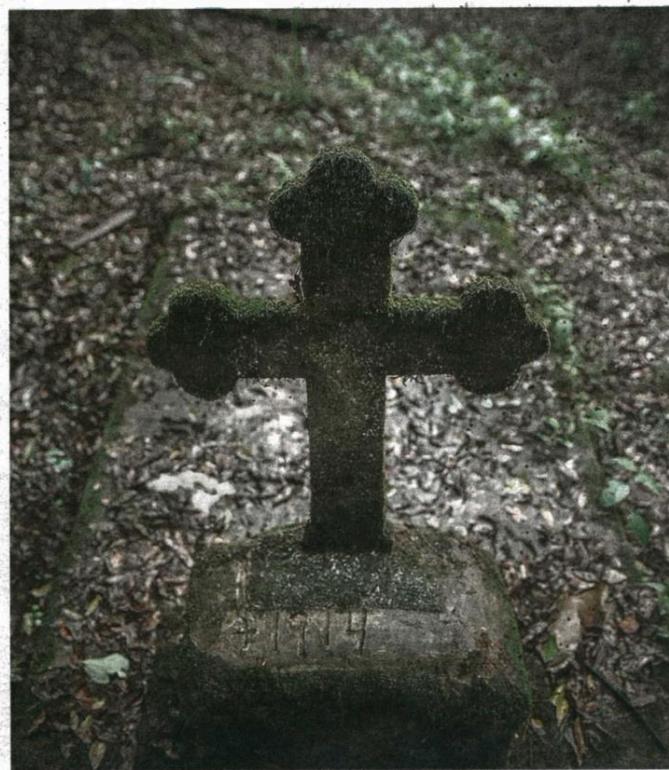
O tempo desgastou o material. Há uns 20 anos, Crestani e o empregado Afonso Flaith, o Jipão, passavam pelo mato quando viram ossadas à mostra. Provavelmente desenterradas por algum animal. Não havia crânios. Tampouco objetos ou roupas. Mas pedaços de costelas, braços, pernas. Combinaram de retornar no dia seguinte para reenterrar, cimentar ao redor e fazer uma modesta inscrição com o ano da chacina: 1914.

Foi uma iniciativa em respeito à memória dos 17 mortos, ainda que não soubessem de quem se tratava. Crestani conta que recebeu outro ensinamento dos pais, repassado aos filhos:

– Em 2 de novembro, Dia de Finados, a gente vai lá, acende uma vela, reza e vai embora.

O fazendeiro recorda que muitas vezes ouviu os adultos falarem sobre os crimes. Um detalhe nos relatos sempre o impressionou:

– Meu pai mostrava uma árvore que foi testemunha das mortes. Dizem que nela eram encostadas as cabeças dos homens, antes de serem golpeados com a faca. Até hoje está ali. Mas não cresceu mais.



MERGULHO NAS LEMBRANÇAS

Quando criança, João Marques dos Santos, o Jango, tinha um colega de escola chamado Belmiro. Tornaram-se tão amigos que dividiam a merenda trazida de casa. Normalmente farofa. O menino era filho de André Ferreira (não há consenso a respeito do sobrenome do brasileiro, que também poderia se chamar da Silva). Pela memória de Jango, criança na época dos relatos, André não era muito jovem, com idade estimada entre 60 e 70 anos, desconfiado e de pouca conversa. Mas que prendia a atenção quando falava da façanha de ter escapado a nado da Chacina dos 17.

– Ele contava que pediu a Deus: se fosse para ser degolado, então, preferia morrer afogado.

Jango recorda de André dizendo que se jogou no rio e como conseguiu se embrenhar no mato. Teria se aproveitado do descuido dos vaqueanos ao tentar conter um alemão que esperneava para não ser assassinado. Contra o sobrevivente, em fuga, teriam sido disparados vários tiros. Mas, entre braçadas e mergulhos, alcançou a margem oposta de onde estavam os fabricantes. O pai do amigo atribuía o feito a um milagre.

– Eu era um gurizote e tinha muita curiosidade. Lembro dele meio afastado, em silêncio. Quando chegava alguém na serraria para comprar telha ou tijolos, parecia desconfiado.

Jango acredita que André imaginava ser alguém para tentar acertar algo com ele:

– De certo a pessoa sempre fica com aquilo na cabeça, com medo de que ainda possa acontecer alguma coisa da época da guerra.

A família Ferreira morou em São Mateus do Sul (PR) e Valinhos (comunidade do interior de Canoinhas) onde era forte a atividade de extração de madeira. Mais tarde se mudou para Porto União e o contato entre os amigos de infância se perdeu.

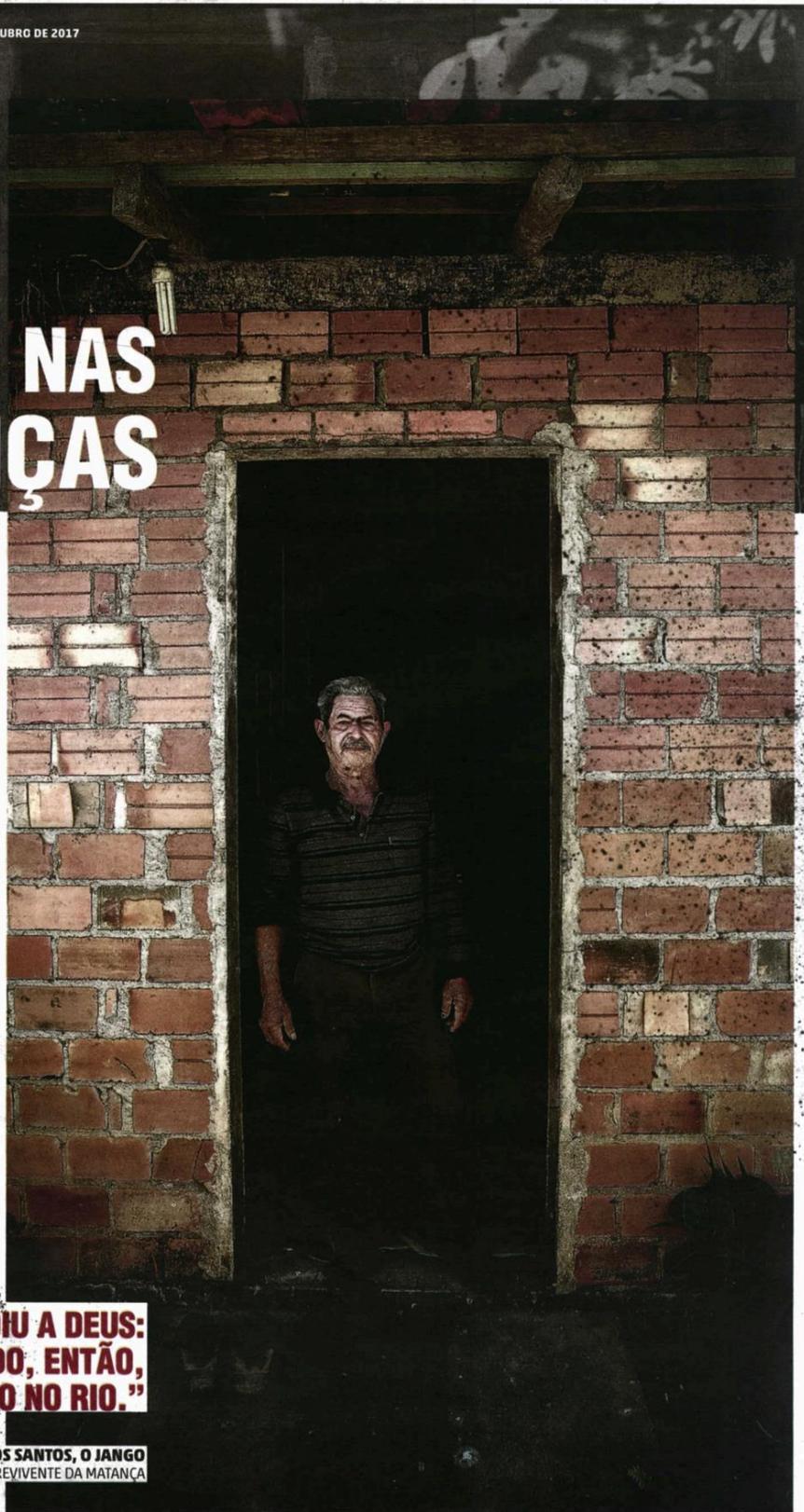
De vez em quando, Jango visita a sepultura dos 17. Hábito ainda praticado por moradores da região de Canoinhas.

– Meu sentimento é de tristeza. Uns dizem que sentem arrepios no corpo, mas comigo não tem nada disso. Chego lá, faço minha oração e vou embora.

“ELE CONTAVA QUE PEDIU A DEUS: SE FOSSE PARA SER DEGOLADO, ENTÃO, PREFERIA MORRER AFOGADO NO RIO.”

JOÃO MARQUES DOS SANTOS, O JANGO
OUVILHA NA INFÂNCIA O RELATO DO ÚNICO SOBREVIVENTE DA MATANÇA

FOTOS: BETINA HUMERES





“AINDA HOJE, MORADORES MAIS ANTIGOS TÊM MEDO DE FALAR EM DETERMINADAS COISAS, COMO A PRÓPRIA CHACINA DOS 17 QUE AGORA VEIO À TONA. HÁ MUITO TEMPO SE FALAVA, PORÉM, SEM SABER EXATAMENTE AS CIRCUNSTÂNCIAS E QUEM ERAM OS SACRIFICADOS.”

TRAVESSIA RESGATADA

JOSMAR KASCHUK

PROFESSOR DE HISTÓRIA E DIRETOR DA ESCOLA BÁSICA NA COMUNIDADE DE FELIPE SCHMIDT

O professor Josmar Kaschuk ensinou História para muitos jovens da comunidade Felipe Schmidt. Mas talvez seja ainda muito recente a maior contribuição. O educador ajudou a redesenhar o trajeto dos que morreram na Chacina dos 17. Desde o momento em que foram capturados do lado direito do rio, entre Barra Feia e Timbó, passando pelo ponto do embarque em Porto Marcolino, até a lancha chegar à margem esquerda.

Para isso, usou mapas antigos, dados com base na assinatura do acordo de limites e aplicativos. Na época do acerto, pressionados pelo presidente Wenceslau Braz, cada um dos dois Estados teve que ceder. A partilha foi vista como favorável aos catarinenses, que ficaram com 28 mil dos 48 mil quilômetros quadrados da área contestada. Assim, as referências geográficas precisaram ser atualizadas.

Para o educador, enaltecer conteúdos referentes à Guerra do Contestado é olhar para a trajetória das famílias que vivem na região. Como a dele, bisneto do imigrante Simão Kaschuk, o qual pelos anos de 1890 chegou da

Ucrânia e trabalhou na construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande.

– No livro do 9º ano, que é sobre o Contestado, tem meia página num total de duzentas. O tema permanece desconhecido para muitos brasileiros e precisa ser valorizado para não cair no esquecimento das futuras gerações – sugere o atual diretor na Escola Básica Municipal Benedito Theório de Carvalho, em Felipe Schmidt.

Um espaço quase insignificante para um conflito que resultou na morte de 5 mil a 50 mil pessoas, observa.

A respeito da imprecisão dos números dos que morreram, sobre quantos morreram, o educador defende:

– A disparidade mostra que muitos dos acusados de fanatismo eram, na verdade, uns pobres coitados expulsos das próprias terras e caçados que nem bichos.

Na época, o território era um sertão, uma terra sem lei e marcada pela opressão. Lacunas assim, destaca o professor, tornam ainda mais importantes as informações sobre a Chacina dos 17. Jos-

mar também faz parte da comissão municipal envolvida na preservação e divulgação da Guerra do Contestado. Uma das promessas é a colocação de uma placa com o nome dos 17 mortos junto ao túmulo das vítimas.

– Na nossa região existem episódios da Guerra do Contestado escritos em livros, mas tem também muita história oral. Parte disso é reflexo do medo que as pessoas sentiam de retaliação de governos e perseguição dos coronéis e dos herdeiros desses poderosos que podiam levar a algum tipo de repressão.

Conforme o professor, isso fez com que as narrativas passassem de pai para filho, mas não tivessem sido oficialmente registradas. Há muitos casos envolvendo morte de pessoas, mandado de assassinatos e perseguições.

– Ainda hoje os moradores mais antigos têm medo de falar em determinadas coisas que aconteceram, como a própria Chacina dos 17 que agora veio à tona. Mas há muito tempo se comentava, porém, sem saber exatamente as circunstâncias e quem eram os homens sacrificados – explica Josmar.

LUZ SOBRE A HISTÓRIA

Faz quatro anos e meio que a doutoranda Viviani Poyer se dedica a pesquisar a Chacina do Iguacu. Orientada pelo professor Paulo Pinheiro Machado, um dos maiores estudiosos da Guerra do Contestado, ela planeja defender a tese em dezembro. A pesquisa usa fontes históricas como documentos oficiais encontrados em arquivos como do Itamaraty, os públicos do Paraná e de Santa Catarina e do Exército do Rio de Janeiro.

A aluna também se municiou de jornais nacionais e estrangeiros. Para identificar as 17 vítimas cruzou laudos cadavéricos encontrados no arquivo do Itamaraty (RJ) feitos a partir dos esqueletos encontrados nas margens do Iguacu, com jornais paranaenses que acompanharam com mais proximidade os acontecimentos do Contestado.

— Os laudos foram redigidos pela polícia do município de São Mateus (hoje são Mateus do Sul), no Paraná. Além disso, o próprio Exército abriu um inquérito militar para investigar a chacina — explica.

A pesquisa aponta que os homens, na maioria imigrantes, foram mortos por possuírem algum dinheiro em espécie com eles, além de ferramentas e animais. No grupo havia pequenos produtores e um comerciante, com os quais os vaqueiros do coronel Fabrício Vieira tinham contraído dívidas. Na época, explica Viviani, os fabricianos controlavam a margem do rio para impedir que passassem alimentos, sal e armas para o lado catarinense. Com isso, dificultavam um suposto apoio aos insurgentes. Conforme a historiadora, o coronel não estava presente no momento da chacina. Fabrício teria sido levado por dois de seus homens, um deles conhecido como Dente de Ouro, e outro Isaías Daniel, e deixado em um lugar chamado de Barra Feia, atual Fluiópolis no Paraná. Mas acredita que era conhecedor desses fatos que ocorriam com muita frequência.

— Essa chacina despontou, ou seja, veio à tona por se tratar de imigrantes. Mas houve outros episódios envolvendo moradores da região sem documentos que não foram esclarecidos.

Além de tomar por base documentos oficiais, a pesquisadora também tem mantido contato com netos e bisnetos dos envolvidos. Já ouviu descendentes de José Lírio Santi e do coronel Fabrício Vieira. A respeito do constrangimento que passou o governo brasileiro cobrado por países de origem dos mortos, a pesquisadora explica que o primeiro a se manifestar, por meio do consulado, foi a Itália.

Uma sindicância chegou a ser aberta. Também os consulados português e austro-húngaro cobraram acerca de seus compatriotas. Mas foi a Espanha quem comprovadamente foi atendida no pedido de indenização referente a dois irmãos mortos na chacina. O pagamento pelo governo brasileiro ocorreu em 1918.

Passados mais de 100 anos, a pesquisadora não acredita que um eventual pedido de indenização por parte dos descendentes venha a ser atendido. Uma eventual retratação também seria difícil de ocorrer:

— O episódio pode ser justificado como crime de guerra. Além disso, os responsáveis pela chacina não eram militares, e sim civis — diz Viviani.

Como historiadora, ela diz que é gratificante ajudar a esclarecer um fato tão marcante.

— Trabalho com uma linha da história social, e ao entrar no doutorado a gente assume o compromisso de devolver algo à comunidade extra muros, inclusive, por se tratar de um trabalho financiado com bolsa de estudos. Acredito que além de contribuir para a história de Santa Catarina e do Paraná, estou também fazendo isso para a história do país, já que o Contestado teve um impacto nacional.



CRISTIANO ESTRELA

“ESSA CHACINA DESPONTOU POR SE TRATAR DE IMIGRANTES. MAS HOVE EPISÓDIOS ENVOLVENDO MORADORES QUE, POR NÃO TEREM DOCUMENTOS, NUNCA FORAM ESCLARECIDOS.”

VIVIANI POYER
DOUTORANDA DA UFSC

Ainda como pesquisadora da História, Viviani responde como se sente quando olha para dois túmulos distintos: o das vítimas da Chacina dos 17, às margens do Iguacu; e do coronel Fabrício Vieira, no cemitério de Irineópolis, sobre o qual está escrito “Herói do Contestado”:

— Eu me esforço para não ser tendenciosa, procuro trazer os fatos à tona com base em documentos e fontes históricas consultadas. Essa é uma verdade científica. Mas reconheço que a neutralidade é algo realmente difícil de ser alcançada.

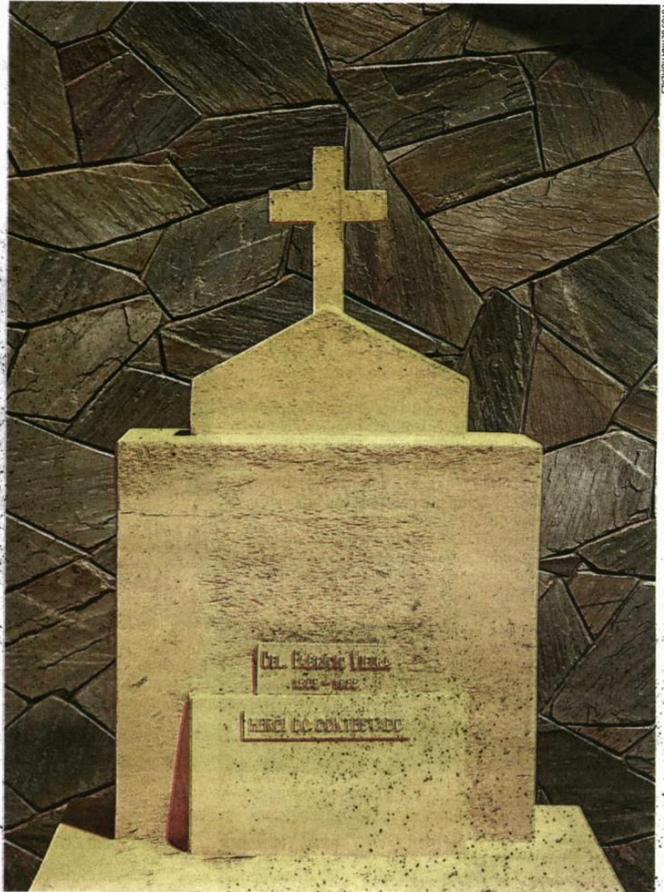


UM TERRITÓRIO EM DISPUTA

A Guerra do Contestado (1912-1916) foi um conflito em que civis enfrentaram as forças policiais e militares dos Estados de Santa Catarina e Paraná e do Exército. Os insurgentes eram movidos por motivos que iam do messianismo à luta pela terra. Nesse contexto surgem os monges, como João Maria, que na fé cabocla é reverenciado até os dias atuais. Protestavam contra o poder público e dos coronéis locais. Além de reagir contra a construção de uma estrada de ferro, que os expulsou da terra onde viviam.

Ainda que não exista um consenso sobre os mortos, estima-se que pelo menos 10 mil pessoas perderam a vida, seja nos combates ou de fome e de doenças como o tifo, que se alastraram pelas "cidades santas" erguidas pelos sertanejos. A guerra mobilizou metade do efetivo do Exército na época: mais de 7 mil soldados. O acordo de limites foi assinado em 20 de outubro de 1916.

Mais de 100 anos do término da maior guerra civil camponesa brasileira, o palco dos episódios do Contestado aparece com os piores índices de desenvolvimento humano. Nas palavras do professor e pesquisador Nilson Cesar Fraga, sobrevive a "maldição das políticas públicas ineficientes, corruptas e de interesses de pequenos grupos que dominam a região, em todas as escalas". Assim como nos tempos da guerra, em que apesar do poder opressor dos coronéis, muitos foram transformados em heróis, como escrito na lápide do túmulo da figura polêmica de Fabrício Vieira, sepultado em Irineópolis, no Planalto Norte.





A LISTA

- ADOLPHO SOUZA**, LAVRADOR, BRASILEIRO
- ALFREDO FERREIRA**, PEDREIRO, BRASILEIRO
- ANGELO TRESS**, LAVRADOR, ITALIANO
- ANTONIO PRETI**, LAVRADOR, ITALIANO
- CELESTINO JANUÁRIO**, LAVRADOR, BRASILEIRO
- DOMINGOS MOURA**, MARCENEIRO, BRASILEIRO
- EVARISTO MIRON**, CANTEIRO, ESPANHOL
- HORÁCIO FELIPPE**, LAVRADOR, ITALIANO
- ISOLINO MIRON**, CANTEIRO, ESPANHOL
- JOÃO ANTONIO**, PEDREIRO, PORTUGUÊS
- JOÃO MERKEL**, LAVRADOR, ALEMÃO
- JOAQUIM VICENTE**, NEGOCIANTE, BRASILEIRO
- JOSÉ LICHESKY**, LAVRADOR, POLACO
- JOSÉ LYRIO SANTI**, EMPREITEIRO, ITALIANO
- JOSÉ MERKEL**, LAVRADOR, ALEMÃO
- JOSÉ SARTORI**, LAVRADOR, ITALIANO
- ROSALINO ALVES**, LAVRADOR, BRASILEIRO
- VALENTIM FACHIM (OU FACHINI)**, PEDREIRO, ITALIANO

* Na lista divulgada nos jornais Diário da Tarde (PR) de 14/12/1914 e Gazeta de Notícias (RJ) de 29/1/1915 foram encontrados 18 nomes. Mas a partir laudo cadavérico e entrevistas realizadas com moradores, a pesquisa de Viviani Poyer aponta para 17 vítimas. A explicação mais provável para a diferença nos números está no fato de que um deles escapou se jogando no rio Iguçu.



Confira o especial multimídia em bit.ly/nos_104

NESTA EDIÇÃO:

ÂNGELA BASTOS

Repórter Especial
angela.bastos@somosnsc.com.br

JULIA PITTHAN

Editora
julia.pitthan@somosnsc.com.br

BETINA HUMERES

Repórter fotográfico
betina.humeres@somosnsc.com.br

CRISTIANO ESTRELA

Repórter fotográfico
cristiano.estrela@somosnsc.com.br

CRIS MACARI

Designer
cristiane.macari@somosnsc.com.br

RICARDO WOLFFENBÜTTEL

Editor de fotografia
ricardo.wolff@somosnsc.com.br

ALINE FIALHO

Editora de design e arte
aline.fialho@somosnsc.com.br

“A intenção é formar gente para trabalhar com economia digital”, diz Eric Santos”

‘A intenção é formar gente para trabalhar com economia digital’ / Eric Santos / Resultados Digitais / 5º RD Summit / Congresso de Marketing Digital / Eric Santos / Engenharia de Automação / UFSC

ESTELA BENETTI

estela.benetti@somosnsc.com.br
(48) 3216-2956

DIÁRIO CATARINENSE,
SÁBADO E DOMINGO,
21 E 22 DE OUTUBRO DE 2017

telabenetti

“A INTENÇÃO É FORMAR GENTE PARA TRABALHAR COM ECONOMIA DIGITAL”, DIZ ERIC SANTOS

LANÇADA NO MERCADO EM 2012, A RESULTADOS DIGITAIS, DE FLORIANÓPOLIS, MAIOR EMPRESA DE MARKETING DIGITAL DA AMÉRICA LATINA, CRESCER DE FORMA ACELERADA. ATRAIU INVESTIMENTOS SUPERIORES A R\$ 80 MILHÕES E EMPREGA 600 PESSOAS. MAS O QUE CRESCE AINDA MAIS RÁPIDO É O RD SUMMIT, CONGRESSO DE MARKETING DIGITAL CUJA QUINTA EDIÇÃO, REALIZADA DE QUARTA ATÉ SEXTA-FEIRA, NO CENTROSUL, EM FLORIANÓPOLIS, ATRAIU 8 MIL PESSOAS. FUNDADA PELO JOVEM PAULISTA **ERIC SANTOS**, 37 ANOS, QUE VEIO PARA FLORIANÓPOLIS CURSAR ENGENHARIA DE AUTOMAÇÃO NA UFSC E SE TORNOU EMPREENDEDOR, A EMPRESA TEM NOVAS ESTRATÉGIAS PARA O FUTURO. CONFIRA NA ENTREVISTA.

EDUARDO PACHECO, DIVULGAÇÃO

Como o RD Summit se tornou um evento gigante com 8 mil participantes? Ele vai continuar em Florianópolis?

A ideia é que continue em Florianópolis, mas vamos precisar de mais apoio. Esta é a quinta edição do evento que começou bem pequeno, com 200 pessoas no primeiro ano, em 2013, já no Centrosul. Acho que a gente teve uma pegada desde a primeira edição, que é o DNA que nos trouxe até aqui: conteúdo muito bom. Nós, que promovemos o evento, praticamente não falamos da nossa empresa. Temos 30 pessoas da RD palestrando, todos ensinando. Pra mim, a base do sucesso do evento é quando o palestrante vem, fala e senta para assistir o próximo. Um exemplo é Renan Dal Zotto, técnico da Seleção Brasileira de Vôlei Masculino. Ele fez palestra quarta e ficou os três dias assistindo. Isso é um pouco do DNA do sucesso do evento. O RD Summit alimenta um pouco a nossa comunidade, mas também construímos isso durante o ano, o que resulta num evento um pouco maior. É uma coisa cíclica.

Na sua palestra, você lançou a RD University. Qual é o objetivo?

Nossa empresa acabou de fechar cinco anos com um produto na rua. Estamos desde o final do ano passado estudando o que vamos ser no futuro. Há iniciativas pequenas, mas que são importantes. Uma delas é a RD University, estratégia de

formação de pessoas para trabalhar com economia digital em escala. A gente olha, ouve de parceiros que estão querendo crescer, contratar mais gente. Há essa demanda e a estrutura educacional não está pronta para atender isso. A gente precisa de pessoas para trabalhar com marketing digital, produto. E ao longo do tempo, como a RD cresceu rápido, precisamos treinar as pessoas dentro de casa. A gente aprendeu a fazer isso. Agora queremos transformar isso num processo. Vai ter uma boa parte de informação gratuita, online, e algo mais elaborado para quem quer ir para outros níveis. A intenção é formar gente em escala para trabalhar com economia digital.

Há cursos de graduação mais adequados para trabalhar nessa área?

A gente vê que é cada vez mais irrelevante o tipo de curso universitário. A melhor vendedora da RD é uma bióloga. Tenho jornalista fazendo conteúdo. Tem que ter texto final para a maioria das funções, raciocínio analítico, pensar de forma sistêmica. Para a área de vendas devem ser pessoas mais persuasivas, empreendedoras. Na comunicação, além da escrita é preciso habilidade em vídeos e mídias sociais. Temos que acrescentar conteúdos específicos para as áreas em que as pessoas vão atuar.

O que o mercado está solicitando mais em marketing digital?

A gente ainda tem um trabalho grande

de evangelizar as empresas para que olhem o marketing, não só o digital, como forma de educar o mercado delas. Assim como a RD ensina o mercado dela a usar essas ferramentas, elas poderiam fazer o mesmo para impulsionar a demanda dos seus produtos. E o marketing digital que a gente se propõe a fazer é muito baseado nessa educação e conteúdo. O que as pessoas querem saber é como fazer isso de forma estruturada. São mais de 3 mil empresas de tecnologia para marketing digital no mundo. Os clientes estão pedindo para simplificar. A gente trabalha para oferecer ferramentas integradas e conceitos, passo a passo.

Quando a RD estreou no mercado e como está hoje?

A RD foi fundada em 2011, mas foi para o mercado em 2012. De lá para cá tivemos uma trajetória muito forte de crescimento. Outras coisas bacanas aconteceram. A gente teve três rodadas institucionais de investimentos, um total de R\$ 83 milhões de fundos de ponta do Brasil e de fora. Tivemos alguns prêmios. Pelo terceiro ano seguido fomos eleitos a melhor empresa para trabalhar em SC segundo o Great Place to Work e um crescimento muito forte de clientes. Acabamos de passar a marca de 10 mil clientes e temos 600 funcionários. A maioria em Floripa, um pouco em São Paulo. Nossos clientes são bem diversificados em setores e tamanho de empresa.

Diário Catarinense
Artigo
"Sobre homens nus"

Sobre homens nus / Fábio Lopes da Silva / Professor / Departamento de Linguística / UFSC / Performance no MAM

ARTIGO

SOBRE HOMENS NUS



FÁBIO LOPES DA SILVA
Prof. do Departamento de Linguística da UFSC

Há uma direita grotesca solta nas ruas. É uma gente esquisitíssima. Não esperem dessas pessoas qualquer compromisso com a coerência ou mesmo com a racionalidade elementar. Tome-se, por exemplo, o modo como reagiram à performance do homem nu no MAM. O mundo veio abaixo, como se a tevê, em horário nobre, não mostrasse diariamente coisa muito pior. Claramente, o problema da nossa sociedade não é o peladão do museu, mas a indiferença com que respondemos a tantas outras experiências a que somos cotidianamente submetidos. O problema da nossa sociedade é a aceitação acrítica de quase tudo, vez por outra pontuada por surtos de indignação seletiva e espetaculosa, para inglês ver.

Nisso, aliás, os que defendem o artista não se diferenciam suficientemente dos adversários. Na maioria absoluta dos casos, tomam meio historicamente o MBL e con-

gêneres como um perigo aterrorizante, uma ameaça fascista prestes a destruir a democracia brasileira. O único defeito desse argumento é que essa tal de democracia brasileira não existe ou, na melhor das hipóteses, só existe muito precariamente. Eleger o conservadorismo caricatural como inimigo é uma bela maneira de fingir que o inferno são os outros e que nós não somos cúmplices ou, no mínimo, espectadores passivos de um país desde sempre em frangalhos.

A polêmica em torno da performance no MAM é a espuma da história. Ficará para trás, sem deixar vestígios, assim como todas as outras disputas que mobilizam as redes sociais por um momento e, ato contínuo, desapareceram. Por meio dela (e das que as substituirão, pois, podem ter certeza, outras, muitas outras, virão), reacionários e progressistas escapam à única tarefa que realmente importa: a de se ocuparem das questões de fato relevantes. Quais questões? Elas começarão a ficar claras para nós no momento em que, em lugar de procurarmos supostos inimigos, passemos a nos perguntar o que temos a ver com o peixe.

Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Água"

Água / UFSC / Festival Internacional de Cinema Socioambiental / II Planeta.Doc Conferência

ÁGUA

Há água suficiente na Terra para prover 9 bilhões de pessoas em 2050? Em meio à precariedade na área da saúde, tão intensa como no saneamento, a pergunta é instigante. E a cidade ferve com a realização de nova conferência internacional na UFSC, além da exibição de mais de 100 filmes do Festival Internacional de Cinema Socioambiental. A Ilha será até 10 de novembro a capital do meio ambiente. Nesta segunda-feira, ocorre o II Planeta.doc Conferência, na UFSC, que mantém inscrições abertas. Toda a programação é gratuita.

Diário Catarinense
Moacir Pereira
"Homenagem e desabafo"

Homenagem e desabafo / Julio Cancellier / Irmão do reitor / Sessão Solene / Câmara de Tubarão / Homenagem Póstuma / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Polícia Federal / Vítima / Justiça Federal / Prisão / Desembargador / Lédio Rosa de Andrade



Joarez Ponticelli, Pepê Colaço, Julio Cancellier, irmão do reitor, Lédio Andrade e Miguel Ximenes

HOMENAGEM E DESABAFO

A sessão solene da Câmara de Tubarão, em homenagem póstuma ao reitor Luiz Carlos Cancellier, filho da cidade, foi marcada por contundentes críticas às prisões preventivas feitas pelas polícias Federal e estadual. O desembargador Lédio Rosa de

Andrade enfatizou que o reitor da UFSC foi uma das vítimas de ação justicialista da Polícia Federal e da Justiça Federal. "Cao nunca respondeu a um processo criminal ou desvio de um centavo e foi preso, algemado e humilhado. Isso é fascismo".

Notícias do Dia
Néri Pedroso
"Ativismo"

Ativismo / Lixo Zero / Cidades Humanas / II Planeta.Doc Conferência / UFSC / Festival Internacional de Cinema Socioambiental / Dener Giovanini / Ambientalista

Ativismo

A agricultura e mobilidade urbanas, as inovações em torno de conceitos como lixo zero e cidades humanas são os temas debatidos no Planeta.doc Conferência, segunda-feira, dia 23, das 11h às 22h30, no auditório Garapuvu da UFSC, um desdobramento do Planeta Doc - Festival Internacional de Cinema Socioambiental que vai até 10 de novembro, em diferentes espaços de Florianópolis e outras cidades do Estado. Entre os 15 palestrantes, está Dener Giovanini, ambientalista brasileiro que recebeu da ONU o mais importante prêmio ambiental do planeta pela atuação na Renctas, que ganhou o status de Empreendedor Social Notável das três maiores organizações do setor no mundo. Inscrição gratuita no site planetadoc.com.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

21/10/2017

"A intenção é formar gente para trabalhar com economia digital",
diz presidente da Resultados Digitais

Sessão póstuma é marcada por depoimentos e reflexões

Chefe de gabinete diz que procedimento para afastamento de
corregedor não passou pela CGU "porque não tem que passar"

Chefe de gabinete diz que procedimento para afastamento de
corregedor não passou pela CGU "porque não tem que passar"

Em nota, UFSC afirma que afastamento de corregedor não tem
relação com operação Ouvidos Mucos

Em nota, UFSC afirma que afastamento de corregedor não tem
relação com operação Ouvidos Mucos

Afastamento de corregedor da UFSC teve origem em conflito com
professor citado na Ouvidos Mucos

Afastamento de corregedor da UFSC teve origem em conflito com
professor citado na Ouvidos Mucos

Afastamento de corregedor da UFSC teve origem em conflito com
professor citado na Ouvidos Mucos

UFSC afasta corregedor-geral por 60 dias

UFSC afasta corregedor-geral por 60 dias

UFSC diz que processo instaurado e afastamento de corregedor-ge..

Água

Encontro dedicado à tipografia começa neste sábado, em

Florianópolis

Veja como ficará composição do TSE com saída de Herman Benjamin

Chacina do Iguacu: injustiça até a última morada

Especialista ambiental, Cecília Herzong diz que futuro do planeta
depende das cidades

Homenagem e desabafo

'Covarde, como estava sem trabalho enforcou-se'

Sompo Seguros estabelece plano especial para atender segurados
atingidos por temporal em Porto Alegre

22/10/2017

Encontro discute arborização urbana

Duh Valiati com exposição na UFSC

UFSC afasta corregedor-geral por 60 dias

Afastamento de corregedor da UFSC teve origem em conflito com
professor citado na Ouvidos Mucos